



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A DIFICULDADE NA LEITURA E NA ESCRITA DURANTE O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Luciana Marçal Ferreira Fernandes (1) Verônica da Silva Rocha (2) Paulo Adriano Schwingel
(3)

*Docente da SEDUC, Picos, PI. lucianamarcal2004@yahoo.com.br; Docente da Secretaria Municipal de Educação,
Picos, PI, rocha.veronica@hotmail.com; Docente do PPGFPPI, UPE, Petrolina, PE. paulo.schwingel@upe.com.br*

RESUMO: A dificuldade da leitura e na escrita é um termo que desperta a atenção para a existência da criança que frequenta escola e que apresenta vários tipos de dificuldade embora não apresenta nenhum tipo de defeitos físicos, sensorial, intelectual e emocional. Essas crianças por muito tempo vêm sendo ignoradas e mal diagnosticadas, nos últimos tempos manifesta o índice de dificuldade na escola, ocorrendo além da dificuldade e outros problemas relacionado à multidisciplinaridade que os discentes enfrentam no processo escolar. O presente trabalho foi desenvolvido através de pesquisa na escola e levantamento bibliográfico, tem como objetivo, refletir sobre as dificuldades na leitura e na escrita apresentadas pelos alunos da escola Municipal São Marcos de Jacobina do Piauí, no processo de letramento, com esta dificuldade da aprendizagem e a necessidade do uso metodológico para a superação destes problemas, buscar soluções para os problemas que causam dificuldades de aprendizagem, através de metas que possa ajudar no desenvolvimento de habilidades intelectual dos alunos, analisa o papel do educador no enfrentamento das dificuldades dos alunos no processo de construção infantil, identifica como a leitura e as escrita estar presente no cotidiano e entender por que os alunos tem dificuldade de ler e escrever. Os resultados mostram que a avaliação psicológica desses alunos é um ponto de partida que possibilitará a identificação das causas que norteiam a problemática em toda sua extensão.

Palavras-chaves: Escrita. Leitura. Alfabetização. Dificuldades.



INTRODUÇÃO

As dificuldades de aprendizagem é um problema que envolve vários fatores de interferências significativas como: intelectual, físico, psicomotor, social e cultural. É importante que se estimulem as crianças a descobrirem a leitura como fonte de prazer de conhecimento e de emoção. Se a iniciação da leitura não está ocorrendo em casa, é para a escola que se voltam todas as expectativas da sociedade. Entretanto não basta alfabetizar a criança, é preciso transforma-la num bom leitor qualitativo e quantitativamente competente desenvolvendo desde cedo o seu olhar crítico. “Estudar não é difícil porque estudar é criar, é recriar e não repartir o que os outros dizem. Estudar é um dever revolucionário” (FREIRE, 1981, p. 59).

É necessário que o professor conheça a realidade familiar de seus alunos bem como suas intervenções nos grupos sociais dos quais participam para que assim seja possível conhecer melhor o processo evolutivo de cada criança e trabalhar as dificuldades de aprendizagem na leitura através de dados concretos. Esta ação possibilitara ao professor tomar perceptíveis as necessidades do aluno numa relação de respeito estimulando – o a ser agente de construção de conhecimento.

O objetivo deste artigo é fazer uma análise dos fatores que causam dificuldades de leitura e escrita nos alunos do Colégio São Marcos de Jacobina do Piauí, em processo de alfabetização assim como analisar o papel do educador no enfrentamento das dificuldades dos alunos no processo de construção infantil, identificar como a leitura e a escrita está presente no cotidiano, conhecer as dificuldades que ocorre na aquisição da aprendizagem infantil e entender por que os alunos têm dificuldades pra ler e escrever. É notório o grande contingente de crianças que passam da alfabetização para outras séries sem saber ler e escrever. Ao longo dos anos, a alfabetização escolar tem sido alvo constante de controvérsias metodológicas e teóricas, exigindo dos educadores um ritmo intenso de capacitação, que pressupõe uma mudança no quadro da educação brasileira.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCN/LP (1998, p.54): Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda a que lê: que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificado elementos implícitos, que estabeleça relações entre o texto que lê e outros já lidos, que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

justificar e valorizar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos.

Lúria (1988) afirma que a escrita da criança começa muito antes da primeira vez que o professor coloca um lápis em sua mão. A incapacidade da criança em associar a escrita com a leitura pode ser o resultado da não valorização daquilo que ela sabia e praticava antes de chegar ao processo de alfabetização. Sabe-se que muitos pais alfabetizam seus filhos em casa, não utilizando a metodologia da escola, mas metodologias empíricas e aproveitam meios simples e eficazes. Alguns fatores, de cunho psicológico, também precisam ser avaliados nesse processo de identificação das causas do desinteresse da criança e do déficit cognitivo para assimilar as estratégias utilizadas.

A importância das práticas sociais de leitura e escrita também teve relevante suporte de estudos que, no âmbito da linguística, da sociolinguística e da psicolinguística, enfatizaram as diferenças entre as modalidades língua orais e língua escrita e demonstraram como muitas crianças se apropriavam da linguagem escrita através do contato com diferentes gêneros textuais.

De acordo com Jean Piaget (1979), no caso de desenvolvimento da leitura e escrita, a dificuldade para adotar o ponto de vista da criança foi tão grande que ignoramos completamente as manifestações mais evidentes das tentativas infantis para compreender o sistema da escrita. A necessidade do homem de se expressar através da leitura e da escrita, algumas vezes, pode ser um processo doloroso e traumático, por isso devem ser repensadas as atitudes dos educadores para com as crianças que não acompanham o ritmo de aprendizagem imposto pelo modelo educacional.

METODOLOGIA

A fundamentação para realização deste trabalho foi através de um levantamento bibliográfico, realizado em diversas bases de dados de livros e uma observação de uma escola. Esta pesquisa utilizou-se de método qualitativo com procedimentos de observação participativa na área de conhecimento sistematizado através de fundamentação com base na realidade, e a luz de conhecimentos já produzidos, com estudos em varias fontes de livros na visão de Luria e Vygotsky entre outros, assim como também a pesquisa de campo descritiva através de observação, entrevista e questionário para coleta de dados no intuito de obter resultados onde a fonte de pesquisa foi a escola São Marcos. Todos os procedimentos da pesquisa ocorreram no segundo semestre de 2015.



Durante muito tempo, a alfabetização foi compreendida como mero processo de entendimento do $B+A=BA$, ou seja, como aquisição de um código criado na relação entre fonemas e grafemas. Em uma sociedade constituída, em grande parte, por analfabetos e marcada por uma redução nas práticas de leitura e escrita, a simples consciência fonológica, que permitia aos indivíduos à associação de sons e letras para produzir, interpretar palavras e frases curtas, parecia ser suficiente para diferenciar o alfabetizado do analfabeto. Com o passar dos anos, a superação do analfabetismo em massa e a crescente complexidade da sociedade, propiciaram o surgimento de variadas práticas do uso da língua, falada e escrita.

Nessa direção, é importante apresentar aos indivíduos uma multiplicidade de textos que envolvam diferentes respostas ao “por que” e “para que”. Todo cidadão que participa de uma comunidade letrada precisa ler, isto é, compreender e usar adequadamente os diversos tipos de textos que circulam socialmente. Só lê de maneira ativa o leitor que conforta seus conhecimentos prévios com os do texto e, a partir desse confronto, constrói sua própria leitura. Quando escreve um texto, o escritor comunica intenções que podem ser enriquecidas ou contestadas.

Foram no contexto das grandes transformações culturais, sociais, políticas, econômicas e tecnológicas que surgiu o termo “letramento”, ampliando, assim, o sentido do que tradicionalmente se conhecia por alfabetização. (SOARES, 2003). Atualmente, tão importante quanto entender o funcionamento do sistema de escrita, é poder se engajar em práticas sociais letradas, respondendo aos inevitáveis apelos de uma cultura grafocêntrica.

Concepção de leitura e escrita

A leitura é condição para a plena participação no mundo da cultura escrita: através dela podemos entrelaçar significados, entrar em outros mundos, pode atribuir sentidos, nos distanciar dos fatos e com uma postura crítica questionar a realidade, não correndo o risco de perder a cidadania da comunidade letrada.

De acordo com o pensamento expresso por FREIRE (1981), a leitura é importante no sentido de oferecer ao homem a compreensão do mundo e através dessa relação é possível a descoberta da realidade sobre a vida. Observa-se que na infância a leitura expressa um mundo particular da criança e a ela dá significadas as coisas que lhe cercam. No momento que o homem aprende as coisas que se expressam em seu mundo, revela-se no seu processo de alfabetização uma tarefa criadora e nessa perspectiva revela-se: A leitura do mundo precede sempre a leitura da



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

palavra... a leitura do mundo e a leitura da palavra está predominantemente juntos. O mundo da leitura e da escrita se dá a partir de palavras e temas significativos (FREIRE, 1981, p. 28).

Entende-se que a leitura e a escrita oferecem meios necessários ao homem de se comunicar e compreender o mundo, oferecendo a oportunidade de transformar suas relações. De acordo com MARTINS (1999) o ato de ler é usualmente relacionado com a escrita e nesse respeito é possível de se efetivar diversas formas de leitura, tais como ter o olhar de alguém, ler o tempo, ler o espaço, e assim a importância da leitura e escrita se destaca como importante fator a ser considerado no desenvolvimento humano, e então o conceito de leitura está geralmente restrito a decifração da escrita, sua aprendizagem.

A escola deve priorizar no contexto de sua atuação o aprendizado da leitura e escrita, o aluno, de acordo com a realidade que vivencia, e essa reflexão pode ser benéfica no sentido de elevar o nível sociocultural dos sujeitos na sociedade.

O papel que a escola representa na vida da criança é importante no sentido de oportunizar o acesso ao conhecimento em bases sistematizadas, visto que em nossa sociedade letrada é observado o valor dado à aquisição da leitura e escrita de modo que o contexto escolar é o espaço favorável a apreensão do conhecimento. Segundo FREIRE(1989)

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançado por sua leitura crítica implica percepção das relações entre o texto e o contexto.

Freire também destaca a importância da primeira experiência existencial, a leitura do mundo, do pequeno mundo, na compreensão do ato de ler o mundo particular que move a criança. De fato, a primeira leitura que a criança aprende a fazer é a das relações familiares, onde lê é uma gratificação, a promessa e a ameaça. A leitura é atribuída um valor positivo absoluto, como detentora de benefício óbvia e indiscutível ao indivíduo e à sociedade. Uma forma de lazer e de prazer, de aquisição de conhecimento e de enriquecimento cultural, de ampliação das condições de convívio social e de interação.

O grande desafio no processo de letramento

A sociedade moderna muita espera das escolas, no entanto, pouco faz ou tem feito para que a educação alcance patamares mais elevados, ou seja, cobrar tem se tornado uma prática comum e corriqueira, entretanto, as escolas muito



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

precisam de apoio principalmente quando se trata de pais que tem filhos frequentando determinada escola; pois desta maneira ambos tem muito a interagir objetivando uma educação que seja de boa qualidade tanto para a comunidade escolar quanto para a comunidade familiar.

Durante muito tempo ensinou-se a alfabetização como aquisição de um código fundado na relação entre fonemas e grafemas. Antigamente o quadro de analfabetismo era bem maior que os dias atuais, e foi um dos motivos para a crescente diferenciação na fala e na escrita. De acordo com SOARES (2003), no contexto das grandes transformações culturais, sociais, políticas, econômicas e tecnológicas que o termo letramento surgiu, ampliando o sentido do que tradicionalmente era conhecido por alfabetização.

Acreditamos que a parceria entre a escola e os pais seja uma das possibilidades com maior probabilidade de obtermos um melhor rendimento escolar e social dos alunos. Portanto a escola de sempre procurar introduzir o apoio familiar no cotidiano escolar, os pais devem acompanhar o rendimento escolar de seus filhos, e cobrar melhorias no âmbito escolar se julgar necessário. De acordo com Piaget (1979)

No caso do desenvolvimento da leitura e escrita, a dificuldade para adotar o ponto de vista da criança foi tão grande que ignoramos completamente as manifestações mais evidentes das tentativas infantis para compreender o sistema da escrita.

A partir de 1980, a alfabetização escolar no Brasil começou a passar por novos questionamentos, porém, desta feita, o foco das discussões era a emergência de novas concepções no modelo de alfabetização, baseadas no resultado de pesquisas na área da psicologia cognitiva e da psicolinguística, que mostravam a necessidade de se compreender o funcionamento dos sistemas alfabéticos de escrita e de saber utilizá-los em situações reais de comunicação e escrita, prevenindo, desde já, o chamado analfabetismo funcional e obrigando a mudança na base educacional: a alfabetização. Temos que encarar a dura realidade educacional atualmente em nosso país, a começar, por exemplo, pelo exame do ENADE, onde notamos que, segundo pesquisas universitárias, os alunos, prestes a concluir o ensino superior, não sabem resolver questões de raciocínio lógico, que, atualmente, são aplicadas para os de séries iniciais; eles também não conseguem interpretar textos simples e sequer resolver operações matemáticas básicas (divisão e multiplicação).

A alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades para ler e escrever. Ou seja: domínio da tecnologia, do conjunto de técnicas para exercer a arte e ciência da escrita. Ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

denomina-se letramento, que implica várias habilidades, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos (RIBEIRO, 2003,p37).

A linguagem é um processo mental consciente que utilizamos para expressar os nossos pensamentos durante nossos relacionamentos interpessoais na sociedade em que vivemos. A linguagem é determinada também pelo nosso subconsciente e inconsciente. Começa a se desenvolver antes do nascimento do bebê, pois, no ventre materno o bebê sente e ouve a voz da mãe. Após o nascimento, o bebê se comunica através do choro, sorriso, olhar e gestos. Os adultos podem colaborar para o desenvolvimento da linguagem da criança, não infantilizando a sua própria fala ao conversar com a criança, falando corretamente as palavras para a criança ter um modelo correto, permitindo e incentivando a brincadeira infantil.

Aos cinco anos, consideramos que a criança aperfeiçoou a construção gramatical; aos seis anos, ela já pode emitir qualquer som do idioma, pode expressar, de forma clara, o essencial dos acontecimentos, pode realizar, adequadamente, a concordância entre sujeito e verbo, assim como a concordância de tempos entre a oração principal e a subordinada. Para a Psicopedagogia é por meio da linguagem que aprendemos desenvolvemo- nos e criamos nossa realidade. É dessa maneira que a criança apropria-se do conhecimento e de suas ações. Para SOARES (1998)

Aprender a ler e a escrever dá ao indivíduo a capacidade de usar o conhecimento para se expressar e comunicar dentro de um determinado contexto textual. Nota-se que a partir do momento que o indivíduo consegue sistematizar a informação recebida por um interlocutor e documentá-la em sua memória, sabendo organizar as ideias e orientando-as, o efetivo uso da escrita garante-lhe uma condição diferenciada na sua relação com o mundo, um estado não necessariamente conquistado por aquele que apenas domina o código.

A figura do professor no processo de letramento

A escola juntamente com a sociedade tem avançado em vários aspectos, e mais do que nunca é imprescindível que tanto o professor como a escola acompanhe essas evoluções, estando conectada a essas transformações, falando a mesma língua, favorecendo ao aluno o acesso ao conhecimento. Não se pode pensar que a construção do conhecimento é entendida como individual. O conhecimento é produto da atividade e do conhecimento humano marcado social e culturalmente. O papel do professor consiste em agir com intermédio entre os conteúdos da aprendizagem e a atividade construtiva para assimilação.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O desenvolvimento do trabalho do professor em sala de aula, seu relacionamento diário com os alunos é expresso pela relação que ele tem com a sociedade e com a cultura. ABREU & MASETTO (1990; 115), afirma que:

“é o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos, fundamenta-se numa determinada concepção do papel do professor, que por sua vez reflete valores e padrões da sociedade”.

Na escola, durante o processo de socialização, a criança tem a oportunidade de desenvolver a sua identidade e autonomia. Interagindo com as outras crianças ampliando os laços afetivos que elas podem estabelecer com as outras e com os adultos. Isso contribui para o reconhecimento do outro e para a constatação das diferenças entre as pessoas; diferenças essas, que podem ser aproveitadas para o enriquecimento de si próprias. As instituições de educação infantil se constituem em espaços de socialização, propiciando o contato e o confronto com adultos e crianças de várias origens socioculturais, de diferentes religiões, etnias, costumes, hábitos e valores, fazendo dessa diversidade um campo privilegiado da experiência educativa. Desse modo, na escola, criam-se condições para as crianças conhecerem, descobrirem e ressignificarem novos sentimentos, valores, ideias, costumes e papéis sociais.

Cabe à escola aproximar a comunidade do convívio escolar numa tentativa de reestruturar a família e o interesse dos pais pelo futuro de seu filho, de oferecer oportunidades de acesso à cultura, à tecnologia, à informação, de oportunizar a reflexão de questões relativas ao respeito ao próximo, suas culturas, etnias e orientação sexual, à preservação do meio ambiente, ao desenvolvimento sustentável, entre vários outros temas.

Ao professor compete a promoção de condições que favoreçam o aprendizado do aluno, no sentido do mesmo entender o que é ministrado, quando o professor utiliza o diálogo como método de ensino; isso se torna mais fácil porque facilita a aprendizagem do aluno, aguça seu poder de argumentação, conduzindo às aulas de modo questionador, onde o aluno-sujeito ativo, estará também exercendo seu papel de sujeito pensante; construindo seu próprio aprendizado, interagindo com o professor, argumentando, questionando em fim trocando ideias que produzem resultados positivos no processo de aprendizagem do aluno.

O professor deve traduzir os ensinamentos de forma que o aluno se sinta dentro de uma inesquecível viagem e dessa forma possa assegurar a produtividade do ensinamento. É necessário existir uma



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

proximidade entre aluno e professor que leve o aluno a querer aprender. A desejar sempre mais e que o educador sinta-se como um elemento de importância fundamental na vida daquele aluno que levará para sempre os ensinamentos adquiridos. Segundo GADOTTI (1999: 2)

reforça tal premissa ao abordar que: “Para por em prática o diálogo, o educador não pode colocar-se na posição de ingênuo de quem pretende detentor de todo o saber; deve, antes, colocar-se na posição humilde de quem sabe que não sabe tudo, reconhecendo que o analfabeto não é um homem “perdido” fora da realidade, mas alguém que tem toda a experiência de vida e por isso também é portador de um saber.”

É visto que o aprender diante de uma situação interessante e estimulativa fazem com que o aluno se sinta mais competente pelas atitudes na busca de compreensão. Portanto, o aluno só aprende na medida em que aquilo que é ensinado é significativo para ele, é compreendido como capaz de satisfazer suas necessidades. O prazer pelo aprender não é uma atividade que surge espontaneamente nos alunos, pois, não é uma tarefa que cumprem com satisfação, sendo em alguns casos encarada como obrigação. Para que isto possa ser mais bem cultivado, o professor deve despertar a curiosidade dos alunos, acompanhando suas ações no desenvolver das atividades.

Os docentes devem ser preparados para a arte do ensinar. Não basta ser um bom pesquisador, necessário se faz que seja, também, um bom transmissor de conhecimentos. É fundamental que os professores tenham clareza que sua função não é neutra, além do pedagógico tem um sentido político e social. Ter consciência dos seus limites, mas não ser alienado achando que nada é possível fazer. Saber que não resolveremos todos os problemas sociais, mas sem a educação, sem que os trabalhadores se apropriem dos conhecimentos socialmente elaborados não terão condição de lutar por condições mínimas de sobrevivência na sociedade.

O professor deve ainda estar apto às contínuas mudanças de nosso dia a dia. O professor, consciente de sua função, sabe que seu trabalho requer intencionalidade para que os objetivos sejam alcançados. Ao contrário, o professor que realiza seu trabalho pautado no senso-comum ou ensina como foi ensinado na época de sua escolarização, tende a uma prática alienada. Enfim, o professor deve ser um aliado na construção do aluno e não, simplesmente, um transmissor de disciplinas. A responsabilidade do professor em proporcionar um processo intencional de mediação do conhecimento é muito grande, pois a educação interfere diretamente no desenvolvimento do aluno que, mediante a



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

qualidade de ensino e aprendizagem que a escola proporcionou e através da apropriação dos conhecimentos científicos, terá condições de compreender as condições sociais de sua vida, transformar sua consciência e agir no sentido de transformá-la.

A criança age e fala sobre sua ação não mais precisando estar na situação concreta: amplia-se o espaço de tempo entre o acontecimento e o relato. Da mesma forma, ela é capaz de planejar oralmente o que irá fazer para então, executar. A criança estará, assim, preparando fases posteriores que levarão ao uso da linguagem enquanto predição e levantamento de possibilidades de ação culminando no pensamento operatório. Mas ressaltamos, para que isso ocorra, sua expressão será realizada pela criança, e observada pelo interlocutor, através das ações, durante a fase de desenvolvimento a que nos referimos no presente trabalho.

É importante salientar, agora, o papel da interação social mantida entre a criança e o meio, através de pessoas e mesmo com o objeto, como tão bem é mostrado por VYGOTSKY (1979). A noção de comunicação, essencial à capacidade de utilização de palavras, tem grande avanço dado pela tendência que a mãe apresenta de interpretar o comportamento de seu filho como se houvesse um significado; em outras ocasiões é encontrada a mesma situação onde a mãe e o filho está unido sem uma ação comum, sobre objetos, em uma brincadeira, que se torna fonte de conhecimentos tendo como base estruturas da linguagem.

Nas primeiras reuniões de palavras a criança irá utilizar as que geralmente são indispensáveis à comunicação. Trata-se de mensagens extremamente econômicas e que necessitam de um interlocutor para que possa assumir um papel complementar na comunicação.

Ampliar, gradativamente, suas possibilidades de comunicação e expressão, fazendo-a conhecer vários gêneros orais e escritos e participando de diversas situações de intercâmbio social nas quais possa contar suas vivências, ouvir as de outras crianças, elaborar e responder perguntas. Familiarizar-se com escrita por meio do manuseio de livros, revistas e outros portadores de textos da vivência de diversas situações na quais seu uso se faça necessário.

Escutar textos lidos pelo professor, apreciando a leitura feita. Interessar-se por escrever palavras e textos, ainda que não de forma convencional. Reconhecer seu nome escrito, sabendo identificá-lo nas diversas situações do cotidiano. Escolher os livros para apreciar e ler. Neste capítulo, falamos dos desafios da teoria, fazendo apropriação do referencial teórico sócio interacionista, para macro questões, ou seja, as questões epistemológicas da prática pedagógica e dos estudos e pesquisas específicas sobre alfabetização e letramento.



Dificuldade de leitura e escrita dos alunos da escola municipal São Marcos

Um dos múltiplos desafios a ser enfrentado pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler e escrever corretamente, pois a aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia na sociedade. O problema do ensino da leitura e escrita na escola não se situa no nível do método, mas na própria conceitualização do que é a leitura e a escrita, da forma em que é avaliada pelas equipes de professores, do papel que ocupa no Currículo da Escola, dos meios que se arbitram para favorecê-lo e, naturalmente, das propostas metodológicas que se adotam pra ensiná-las.

Durante o estudo buscamos subsídios para a realização deste trabalho, os quais foram elaborados no sentido de trabalhar os fatores escolares que dificultam a leitura e a escrita dos alunos do colégio São Marcos, onde pudemos observar que nem todas as crianças têm uma capacidade de aprendizagem igual, e que as junções de vários alunos de séries diferentes são prejudiciais, pois o ensinamento dos professores fica mais fixados nos que já estão em nível de estudo mais alto.

Esses fatores merecem ser analisados porque no Ensino Fundamental, o eixo da discussão no que se refere ao fracasso escolar, tem sido a questão da leitura e escrita. Sabe-se que os índices brasileiros de repetência nas series iniciais estão diretamente ligados à dificuldade que a escola tem em ensinar a ler e escrever.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o exposto, o olhar sensível é benéfico por remeter à vontade de pesquisar e trabalhar cada vez mais em prol de uma educação de qualidade, especialmente para o indivíduo que se apresenta diante das condições atuais de formação do professor alfabetizador em nosso país, em busca de um novo método revolucionário de ensino e aprendizagem da leitura e escrita. É pertinente ressaltar que essa luta deve ser de todos aqueles que ainda acreditam no sonho de transformar o mundo para melhor através da educação, sim uma educação de qualidade, a qual é direito de toda criança mediante a constituição do nosso país.

Nos dias atuais, em virtude do grande fracasso escolar na rede de ensino, principalmente na área de alfabetização e letramento do ensino infantil, devem-se considerar alguns métodos de ensino já utilizados e não ter medo de aplicá-lo em sala de aula.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Há uma busca por conceitos no qual o resultado seja da determinação clara de objetivos definidores, dos conceitos de habilidades e atitudes que caracterizam a pessoa alfabetizada, numa perspectiva (psicológica, linguística, e, também, sobretudo, na área social e política) que seja obtida como um resultado da opção pelos paradigmas conceituais (psicológicos, linguísticos e pedagógicos), que trouxeram uma nova concepção dos processos de aprendizagem da língua escrita pela criança. Carece compreender o sujeito como agente que é capaz de construir o seu próprio conhecimento, não sendo passivo diante dos estímulos externos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maria C. & MASETTO, M. T. **O professor universitário em aula**. São Paulo: MG Editores Associados, 1990.

GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1999.

FREIRE, Paulo. **A Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

LURIA, Alexander Romanovich. **O desenvolvimento da escrita na criança**. São Paulo: Ícone, 1988.

MARTINS, Eliana Bolorino Canteiro. **O Serviço Social na área da Educação**. IN: Revista Serviço Social & Realidade. V 8 N.º 1. UNESP, Franca: São Paulo, 1999.

PCNs. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa: 1º e 2º ciclos**/ Ministério da Educação Fundamental. 3.ed Brasília A secretaria, 1998.

PIAGET, J. **Aprendizagem e Conhecimento**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1979.

RIBEIRO, Amélia Escotto do Amaral. **Pedagogia empresarial - atuação do pedagogo na empresa**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2003.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. Trad. M. Resende, Lisboa, Antídoto, 1979.